

CONTINUA A MARATONA MUNDIAL DE CIENTISTAS PARA DESCOBRIR REMÉDIO E VACINA CONTRA A COVID-19



Leia o que pensam estudantes, pais e professores sobre o ensino remoto durante a pandemia. Veja também imagens e charges selecionadas entre as que circulam nas redes sociais.

Faça o que eu digo, NÃO o que eu faço

O vídeo da reunião ministerial que tinha como objetivo apresentar o Pro Brasil, plano unificado de governo, do dia 22 de abril, deixou a mostra a falta de coordenação das ações do governo federal. Não somente no que se refere à crise sanitária provocada pela COVID-19, mas inclusive no campo das ideias, no qual as lutas da ciência x religião e liberdade x opressão são uma constante.

Por outro lado, ficou ainda mais evidente que não somente os brasileiros, mas a população mundial está nas mãos dos cientistas que correm contra o tempo e a expansão do Corona Vírus pesquisando 24 horas por dia, individualmente e em pesquisas compartilhadas com colegas de todo o mundo via internet, na busca por remédios e vacinas seguros para uso humano.

A falta de tratamento e a possibilidade de contágio reduziu ao mínimo a marcha da economia mundial. E o medo paralisou as pessoas, encarcerando-as em suas casas nos últimos meses.

Realizada na mesma data em que há 520 anos chegaram ao Brasil as caravelas portuguesas, teve os objetivos declarados frustrados. E, após ficar disponível desde 22 de maio, deixou a mostra muito das ideias até então disfarçadas pelo discurso do presidente da república e de seus comandados do primeiro escalão.

Assim como os portugueses acreditaram que a atual Porto Seguro, fosse um monte e o chamaram de Monte Pascoal, ao assistir ao vídeo, os brasileiros passaram a dar diferentes “nomes e interpretações” às palavras e ideias dos membros do governo, empresas estatais e dos ministros. Como é normal, cada um viu aquilo que melhor se encaixava em sua visão de mundo.

Realizada no Palácio do Planalto em plena pandemia com o objetivo de “unir os ministérios num plano unificado de retomada, o Pro Brasil” o evento legou a muitos brasileiros, uma visão diferente do que é efetivamente, o governo federal.

Na última semana de maio, o país estava claramente subdividido em grandes grupos: os leitores/seguidores de Bolsonaro; os eleitores por falta de opção e os eleitores do candidato opositor. Se antes da divulgação, a população permanecia em casa por medo do contágio pelo Corona Vírus, após conhecer o conteúdo, muitos foram às ruas defender a democracia, outros a intervenção militar e outros continuam atônitos diante de tantas declarações que deixaram à mostra a ignorância e ódio de alguns ministros.

A reunião começou com uma “chamada de atenção” ao ministro chefe da Secretaria de Governo. Na sequência, passou por críticas à soltura indiscriminada de presos do “grupo de risco”, pela defesa do SUS, do armamento da população, de implantação de Resorts Integrados (cassinos) e do homeschooling.

Teve também ataques ao STF, ao Congresso, à imprensa e aos políticos de Brasília (como se eles próprios não o fossem).

A reunião ‘terminou dias depois’ com a demissão do então ministro da justiça, Sérgio Moro e do ministro da saúde Nelson Teich, que ficou menos de um mês no governo.

Do mesmo modo como ao se aproximarem, os portugueses perceberam que se tratava de uma faixa de terra mais extensa e atribuíram ao local o nome de Ilha de Vera Cruz, após “blindar os ouvidos” às palavras de baixo calão e violentas, largamente usadas durante a reunião,

foi possível perceber o desalinhamento tanto nas ações práticas, como ideologias entre os membros do atual governo. As contradições entre o discurso e as ações do presidente da república estão presentes nos demais membros.

Faça o que eu digo, NÃO faça o que eu faço, este é o melhor para o momento. Os pais precisam trabalhar, mas também devem ajudar os filhos a estudar em casa, evitar o contágio. Com isso, talvez percebamos que a educação é mais do que ir para a escola, que professor bem formado e família participativa são indispensáveis no processo de aprendizagem.

Uma nova estrutura de vida se faz necessária. Todos os residentes na mesma ‘casa’, apesar de pensarem diferente, precisam se unir num objetivo comum: protegerem-se e aprenderem uns com os outros a fazer o melhor para o grupo.

Cada grupo da população deu sua própria interpretação ao conteúdo da reunião. Muitos sequer ‘perderam tempo’ assistindo, pois têm consciência de que nada podem fazer para mudar o estado das coisas e nem as pessoas que estão no poder.

Têm consciência e precisam encontrar saídas para colocar comida no próprio prato e, muitas vezes, no prato de outros. Estão focados em solucionar a própria estrutura de vida. O que é muito bom.

Como é normal, cada um ouviu somente aquilo que poderá ser usado como combustível em defesa de suas próprias convicções e dogmas.

A teoria da conspiração interna no governo e fora dele e a intenção de implantar uma ditadura no Brasil também foram trazidas à luz.

Após a liberação dos vídeos, a cada dia,

novas “notícias ocultas” estão surgindo. É lícito o presidente querer se cercar de uma equipe alinhada com suas convicções, mas é preciso ter em conta que toda unanimidade é burra.

No Brasil, o SUS atende igualmente a pobres e ricos e por esta razão, diferentemente dos americanos, os brasileiros estão morrendo em hospitais, recebendo mesmo que minimamente e nas condições que cada região oferece, tratamento gratuito.

Este é um dos lados positivo do Sistema Único de Saúde. Outro aspecto positivo, é a predominância da agroindústria, a única indústria que não parou no mundo inteiro.

Estes dois pontos provavelmente serão o diferencial do país durante e na retomada econômica pós pandemia. Entre as medidas de enfrentamento da doença já não tão desconhecida, mas ainda sem tratamento e sem vacina, foi adicionado o uso de máscaras.

Assim como a interpretação da reunião é individual, evitar o contágio também é um ato individual. É na ação individual de cada cidadão que encontraremos a saída para a coletividade.

Afinal, ninguém sabe se é portador do vírus e está transmitindo ou sendo contagiado. O brasileiro precisa manter o distanciamento social e a própria imunidade em alta, evitando o contágio e responsabilizando-se pelas próprias ações para proteger a si e aos que ama.

E quem por alguma razão não o fez até agora, basta fazer como o fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek: “Costumo voltar atrás, sim, não tenho compromisso com o erro!”

EXPEDIENTE



Ano XXXIII - Nº 327
Maio de 2020

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164 (Impresso)
Reg. Especial de Título nº 0177593
Revisão: PJRamosPinto
Impressão: Grafinoorte
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

Rodrigo Silva é biólogo, doutor em Ciências e coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental do Centro Universitário Internacional Uninter.

Ensino não presencial x Educação a Distância

Do dia para a noite, vivenciamos uma mudança em nossa rotina até então não imaginada. Escolas e faculdades fecharam suas portas, estudantes e professores estão em suas casas, estudando e ensinando. Mas, por que de fato tudo isso está acontecendo? Estamos em 2020. Temos um inimigo invisível que nos deixou em isolamento social e não podemos mais nos aglomerar, muito menos frequentar uma sala de aula. Uma gripe, causada pelo Corona vírus que, até o momento não tem cura, assola o mundo em números exorbitantes de doentes e mortes e, para evitarmos contágio e aceleração da doença, a recomendação é que fiquemos nos resguardando em nossas casas.

Contudo, essa mudança fez com que a educação básica brasileira, primordialmente presencial, fosse transformada, a toque de caixa, em um ensino on-line. Sem precedentes, nós professores, iniciamos uma batalha, contra nós mesmos, e montamos um arsenal em nossas casas para dar conta de uma demanda para uma única missão, talvez inédita em nossas vidas: continuar com nossa tarefa de ensinar, remotamente, em home office. Vimo-nos diante do desafio de trocar nossa turma de alunos por câmeras e microfones. Estudantes nos substituíram pelo computador. Agora, os vídeos são nossas salas de aula, o teclado e o mouse são nosso quadro e giz.

Entretanto, eis que se dá início ao Ensino Não Presencial, com características de uma Educação a Distância (EAD), mas longe de ser caracterizada como uma modalidade de ensino. Torna-se, então, primordial a abertura para uma discussão acerca dessa temática, o que significa que é indispensável que essa dicotomia seja explicada, uma vez que há diferença entre Ensino Não Presencial e Educação a Distância, mesmo que sejam complementares. Alguns especialistas têm chamado esse período de flexibilização temporária da EAD, embora as características entre as duas sejam semelhantes, vamos analisar a separação que há entre a EAD e o Ensino Não Presencial.

A Educação a Distância (EAD), de acordo com a definição do MEC (Ministério da Educação), “é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e

aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”. Ainda que, carregada de pré-conceitos, fez-se essencial adotar tal metodologia nesse período de pandemia e isolamento, pois é consonante ao que temos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em que diz que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. E estamos em uma situação emergencial. Crianças e jovens não frequentam o ambiente escolar desde março e estão em suas casas desfrutando de aulas on-line.

Por conseguinte, ao comparar a EAD com o Ensino Não Presencial, percebemos que estamos tratando de duas frentes, de momentos e de modalidades diferentes. Para que a educação no país não parasse, o Ensino Não Presencial foi uma adaptação necessária, momentânea e emergencial, em que os professores, de suas residências, estão replanejando e reinventando o ensino para manter o andamento do ano letivo. As aulas e atividades, que antes eram realizadas presencialmente, agora são enviadas através de ambientes virtuais e meios digitais, que são as tecnologias de comunicação e informação já utilizadas na EAD.

Para concluir e fortalecer o exposto, o CNE (Conselho Nacional de Educação) aprovou um parecer sobre a oferta de atividades não presenciais em todas as etapas da educação, sendo a partir do Ensino Fundamental o cumprimento da carga horária obrigatória em Ensino Não Presencial. “A comunicação é essencial neste processo, assim como a elaboração de guias de orientação das rotinas de atividades educacionais não presenciais para orientar famílias e estudantes, sob a supervisão de professores e dirigentes escolares”, assim diz o texto.

Mariane Kraviski é mestre em Educação e Novas Tecnologias pelo UNINTER e professora da Área de Educação, da Escola Superior de Educação do Centro Universitário Uninter

Circula no whatsapp



Aulas online por trás das câmeras



33

anos

JORNAL DA EDUCAÇÃO

Mande seu artigo para a próxima edição do JECC



EDITORA: MARIA GORETI GOMES (JE)
 EDITORES CIENTÍFICOS: NORBERTO DALLABRIDA (UDESC)
 E DOUGLAS LEUTPRECHT (UNISOCIESC)

www.jornaldaeducacao.inf.br/
edicao-digital

CADERNO CIENTÍFICO

Ano II - Número 02 - Setembro de 2019
Periodicidade: Anual

Pesquisados, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela comissão científica que prepara a Terceira edição da revista científica Catarinense da educação.

Acesso nossa página e verifique as regras para envio. Contatos podem ser feitos pelo e-mail: contato@jornal-daeducacao.inf.br ou whats (47) 984150630.

As duas primeiras edições do JECC, a revista científica digital do Jornal da Educação estão disponíveis no endereço: www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html, sem restrição de acesso.

A segunda edição teve a coordenação científica de Norberto Dallabrida (UDESC) e Douglas Leutprecht (UNISOCIESC).

Composta de cinco artigos e uma resenha, entre os artigos, dois tratam

de questões metodológicas: “Importante contribuição do jogo da velha na aprendizagem do jogo de xadrez nas series iniciais do EF” e “Guerra Fria na terra do samba em ‘O homem do Sputnik’: o uso do cinema na sala de aula”.

O artigo A Investigação Psicopedagógica Inicial: A *Anamnese Como Base do Diagnóstico Eficaz* escrito pelo colunista do JE Gilmar de Oliveira, publicado na primeira edição, teve até o fechamento desta edição, mais de 20000 acessos. Outro artigo, *A Leitura e a Língua Portuguesa no Ensino Superior*, de autoria de Almira Luiza Borba Corrêa foi visitado mais de 5200 vezes.

A Comissão científica coordenada por Norberto Dallabrida já está analisando, emitindo parecer e selecionando os trabalhos para a terceira edição.

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.

PROFESSOR, seu trabalho resultou em aprendizagem?

jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br
Mande sua sugestão de pauta:
www.facebook.com/Jornal da Educação
www.jornaldaeducacao.inf.br

Desde o início da pandemia do coronavírus, diversas dúvidas pairam sobre o ensino não presencial realizado pelas escolas e universidades através dos meios digitais, conforme determinação da Portaria nº. 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação.

Entretanto, além da nova rotina que impactou na vida de todos os alunos, pais e professores, existem importantes direitos que devem ser observados pelas instituições de ensino nesta nova e inesperada modalidade, como os direitos de voz, imagem e conteúdos autorais dos educadores.

A Constituição Federal asse-

Preservação dos direitos de voz, imagem e conteúdo intelectual dos professores na educação não presencial em tempos de coronavírus

Por Karla Borcate*

gura em seu artigo 5º, inciso X, que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra, e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente da violação”. No mesmo sentido, a Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/1998) dispõe que a gravação de uma pessoa depende de sua autorização expressa.

No caso da educação através dos meios digitais, ao contrário do que a maioria dos professores estão acostumados, as aulas são gravadas, correndo assim o risco da veiculação indevida do uso da imagem, voz e conteúdos de aulas elaborados pelo docente.

Assim, a fim de evitar que tais direitos sejam violados, aconselha-se às instituições de ensino, a realização de termo para a cessão de direito de voz, imagem e conteúdo autoral com os professores. Neste sentido, cita-se alguns pontos importantes a serem mencionados no termo de cessão:

- Estipular prazo de vigência para o referido termo, o qual, no presente caso, pode ser encerrado ao fim da pandemia e/ou com o retorno das aulas na modalidade presencial;

Yolanda Robert — Advogada especialista em direito do trabalho (OAB/SC 20.852), diretora jurídica da Associação Brasileira de Recurso Humanos - filial de Joinville e administradora do escritório Robert Advocacia e Consultoria.

Em tempos de ‘homeschooling forçado’...

Com a palavra um pai...

“Eu sou brasileiro e não desisto nunca”

Pai: David G. da Silva, reside em Campos Novos (SC).

Filho - estudante: Yago, 9 anos, estuda no 4º Ano, da escola municipal CAIC Professora Nair Gris, em Campos Novos (SC).

“Quando soubemos, eu e minha esposa Sabrina Peixoto, da suspensão das aulas e isolamento social, devido a determinações do governo, logo a pergunta veio em nossas mentes ‘O que raios faremos com o aprendizado de nosso filho?’.

Afinal, essa idade é complicada; elas – as crianças – ainda não possuem base acadêmica suficiente para serem autodidatas. O que nos leva a segunda questão: ‘É isso mesmo, aventureiros dessa louca viagem chamada vida, nós teríamos que ser responsáveis por ensinar nossos herdeiros’.

Agora, meu caro amigo professor, você pensou no seguinte? ‘O que a escola tentou fazer por anos, um vírus conseguiu em questão de poucos dias’. Sim, unir escola e família é uma conquista imensa. No entanto, o corpo docente brasileiro não contava com um ‘pequeno’ empecilho; o despreparo total de seus profissionais e do material didático para lidar com a nova situação.

Lembram daquele comercial do pote de margarina? Do dia ensolarado, uma mesa farta; papai, mamãe e filhos rindo e fazendo piada com situações inusitadas que aconteciam à mesa?

Pois bem, foi exatamente o oposto – eu deveria ter pedido danos morais pela propaganda enganosa.

Nos primeiros dias vieram atividades em excesso. Ou seja, os professores deviam estar afitos em recuperar o tempo perdido em sala de aula. Então, com as excessivas atividades, veio a falta de paciência dos alunos – claro, eu não vou admitir que estava sem paciência - e de tempo de todos para dar conta da demanda de exercícios e conteúdo.

Conforme se estendiam as horas de estudo conjunto, percebi uma



Yago V. G. Peixoto é aluno do 4º Ano, do CAIC Professora Nair Gris, em Campos Novos (SC)

coisa interessante. Eu olhava para o material do meu filho e me senti burro. Não devido a ter esquecido o conteúdo, mas porque eu não entendia o que o livro queria dizer. Ficou evidente o motivo de tanta dependência para conseguir concluir qualquer exercício.

Assim, tive outra epifania. Se para a minha pessoa, graduada em licenciatura, já era difícil entender as ambiguidades da apostila de meu filho, imagine para as pessoas que não tem sequer o ensino fundamental concluído? Na região em que moro, meio oeste de Santa Catarina, é comum não concluir o ensino fundamental.

Levamos mais a fundo ainda. E para as pessoas que não tem internet ou para o morador da periferia de grandes cidades? Geralmente, essas pessoas nem acesso à internet conseguem, quem dera ajuda das pessoas em casa para fazer seus exercícios – o que piora exponencialmente com apostilas mal redigidas. Ai, meu caro leitor, você olha esse texto perplexo e pensa: - Aaaahhh... mas você está generalizando. As pessoas têm acesso a internet hoje e estão mandando as atividades impressas para as crianças.

Realmente, o acesso a inter-

net é facilitado. Mas, o que você me falaria da mãe que tem dois filhos em idade escolar?

Ou o pai e mãe que estão trabalhando o dia inteiro, chegam somente a noite e ainda tem que dar conta das inúmeras atividades dos seus filhos? E logo após precisam dar conta da casa, das roupas, preparar tudo para no dia seguinte tentar conseguir dar conta de tudo novamente?

Bom, nada que nosso espírito de brasileiros, o famoso jargão ‘Eu sou brasileiro e não desisto nunca’ ou talvez algum ‘tarja preta’ não resolvam. Não é verdade?”



Com a palavra a professora

Soraya Rachel Pereira, leciona inglês nas escolas municipais “Professora Eladir Skibinski”, “Professora Laura Andrade” e “Senador Carlos Gomes de Oliveira” e no Centro Educacional Micherrot (Bílingue).

“Minha quarentena está sendo intensa. Estou fazendo mais atividades físicas do que antes! O começo foi mais tranquilo. No recesso fiz atividades físicas diariamente (faço muitas aulas online). O mais legal é que posso conhecer modalidades até então desconhecidas.

Acredito que a consciência corporal, o saber respirar corretamente, e o Ho’oponono têm sido grandes aliados de muitas pessoas pelo mundo, não apenas de professores.

Além disso, para aproveitar melhor o tempo e não ouvir só notícias ruins na TV,



particpei de correntes positivas nas redes sociais. Isso é bacana, pois acabamos nos surpreendendo com o olhar que o outro tem de nós.

No dia 18 de março de 2020 foi anunciado, que as aulas estariam suspensas. Então percebi a real gravidade da situação. Caiu a minha ficha. Imaginei que teríamos muitos desafios pela frente. Eu participei como intérprete do “Programa O Caráter Conta” com professores americanos naquele período, e eles precisaram voltar rapidamente para os Estados Unidos.

Em abril, iniciamos as aulas com aplicativo online e demos continuidade na Google Classroom. No CE Micherrot, as professoras do Ensino Fundamental I utilizam a ferramenta Google Meet e eu opto por utilizar o Zoom para as aulas ao vivo com a turma do Bílingue.

No início, optei por gravação de videoaulas. Para os alunos do município, do 3º ao 7º ano, a Secretaria de Educação elaborou materiais impressos em forma de apostilas. A partir da 3ª semana, cada professor construiu seu próprio material.

Já estamos no módulo 7. Cada módulo equivale a uma semana de atividades escolares. Optei por manter um grupo no whatsapp com uma turma de 7ºAno, no qual lanço desafios semanais opcionais como criação de vídeos no TikTok, incentivo à prática da Língua Inglesa e tiro dúvidas. Para os alunos do 3º ao 7º ano, também lancei desafios de acordo com a quantidade de acertos no Quiz online (do Google Forms).

Como contar até 10 em inglês, dublar e dançar a música favorita, contar cambalhotas e dar pulinhos, entre outros. Também atendo mães e alunos que enviam mensagens com dúvidas/dificuldades e já atendi



ligação também. Adoro ajudar! Estamos ai para isso!

A assistência aos pais e alunos ocorre pela plataforma Google Classroom, pessoalmente na escola ou whatsapp. Tem escolas que optaram por criar grupos, outras não.

Claro que têm os alunos que não estamos tendo contato direto (que não estão na plataforma), infelizmente. Estes, as equipes diretiva e administrativa estão atendendo na escola. Para esses, a prefeitura disponibilizou também aulas na Rádio Joinville Cultural FM 105,1”.

A quarentena está demonstrando que a forma de se lidar com a Educação, no século XXI, vai mudar. E os professores, se reinventando, se familiarizando com as ferramentas de transmissão simultânea, em forma de videoconferência. Mas as aulas não-presenciais vão além: o professor precisa de vídeos complementares, precisa de links com programas, canais do “YouTube”, de uso do e-mail para envio de listas de exercícios, de chat e plantão para tirar dúvidas e gerar maior aprendizagem, estando distante do aluno fisicamente, mas tendo de estar próximo, virtualmente. Lembro que não se trata de aulas na modalidade Ensino à Distância (EaD), embora sejam ambas não-presenciais, as aulas online tem a base síncrona, o aluno estuda a maior parte do tempo junto à turma, com o mestre, ao vivo.

O tempo de preparação das aulas é maior. Isso porque exige treino na plataforma, organização dos conteúdos, seleção de vídeos e textos de apoio, planejamento da forma de cobrar e maior pesquisa, para reduzir o tempo das aulas. Sim, este ponto é peça fundamental. Aulas em conferência cansam mais. Embora

ideias e soluções com seus colegas? Uma dúvida: quem tem pago, custeado as horas a mais que nossos educadores usam no preparo das aulas? Por incrível que pareça, muitas escolas estão pensando em pagar menos horas/aulas aos professores, devido às aulas online serem menores. É ganância dessas escolas, pois sem alunos, reduz gastos em limpeza, energia, água. Na verdade, deveriam pagar a mais pelo preparo do conteúdo e pela maior responsabilidade. As escolas privadas estão com plataformas digitais de apoio, que o próprio sistema de ensino disponibiliza, cheias de recursos, bibliotecas online, vídeos complementares altamente produzidos. É uma realidade que veio para ficar. A forma de ensinar mudará, a de aprender, também!

Quando o isolamento social acabar, teremos ainda muitas restrições. É uma nova realidade mundial. Assim, as escolas deverão reduzir o número de alunos por sala, talvez nem todos os dias da semana terão aulas presenciais. Ficará complicado para um casal que trabalha fora de casa deixar o filho na escola todos os dias. A tendência é aumentar o trabalho online, assim como também as aulas virtuais.

AS AULAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL Como fica a Educação em tempos de pandemia?

o senso comum diga que os alunos estão acostumados com horas e horas na frente das telas, a Neurociência mostra que este excesso de tempo em jogos, vídeos e redes sociais está ligado ao aumento expressivo dos casos de déficit de atenção e de perda da acuidade visual, perda das horas de sono e menor destreza motora. Ou seja: ficar na frente da tela, prestando a atenção em entender conteúdos, resolver exercícios e anotar dicas (fora conversar no chat ou mexer em outras coisas... alunos sendo alunos...) dá uma canseira danada! Por isso, os especialistas em Neuropsicologia e em ergonomia sempre indicam que a cada 50 minutos, em média, tenha-se uma parada das aulas ou reuniões de 10 a 15 minutos, para focar em outras coisas e evitar a exposição excessiva dos olhos e do cérebro a tantos estímulos, o que ocasiona fadiga do lobo frontal, responsável pelo pensamento racional, atenção consciente e do pensamento complexo, sem contar nos prejuízos à visão (pisca-menos, lubrificamos menos os olhos, diz a Dra Ana Carolina Carneiro Cunha Bezerra, oftalmologista).

Assim, para termos um conteúdo razoável nas aulas em menos tempo, os professores precisam reestudar as técnicas didáticas, elaborar aulas dinâmicas e objetivas sem prejuízo à qualidade. É uma equação difícil, que tem cansado muito os educadores. É necessário treinamento, capacitação constante, leitura. Aqueles professores que participam de grupos de estudo, de trocas de ideias estão se saindo melhor. Que tal professores, buscarem

razoável nas aulas em menos tempo, os professores precisam reestudar as técnicas didáticas, elaborar aulas dinâmicas e objetivas sem prejuízo à qualidade. É uma equação difícil, que tem cansado muito os educadores. É necessário treinamento, capacitação constante, leitura. Aqueles professores que participam de grupos de estudo, de trocas de ideias estão se saindo melhor. Que tal professores, buscarem

Na outra ponta da corda, estão os 85% de alunos brasileiros, os das escolas públicas, onde a maioria desses tem acesso limitado à internet, via celulares mais simples, que não comportam aulas com maior volume de dados e cerca de 25% não tem acesso algum à internet. Em algumas cidades do interior do Brasil, mais da metade do povo não acessa internet, nem via celular. Não tem, nem de perto, como competirem com alunos de escolas particulares, em testes de seleção, como o ENEM, nem garantir aprendizado similar.

Não houve treino ou capacitação dos professores e, na boa vontade de muitos educadores, organizam grupos em whatsapp com alunos, para lhes passar lições, levam livros das bibliotecas escolares para estudarem em casa. Em algumas escolas, as famílias carentes que buscam a merenda pegam folhas fotocopiadas, com exercícios aos filhos, para a semana. É um triste flagrante que a pandemia expôs, da desigualdade social, do abismo entre os dois brasis! Mas vantabados, conseguem até mais vantagens com as aulas online, mudam a forma de estudar e de consultar. Os mais pobres, ficam à mercê das incertezas da Saúde e da Educação. Não temos um plano educacional, não temos um plano de combate à pandemia. O que temos é a necessidade de entender e prevenir um futuro que não perpetue a exclusão e a desigualdade sociais. A falta de oportunidades igualitárias sabemos, são mãe e pai das mazelas tupiniquins.

* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura.
E-mail: psicogilmar@gmail.com

@psicogilmar fa-
facebook.com/psicogilmar



Manu veio ao mundo de forma espetacular, como convém aos grandes santos. Nasceu da união do Deus Brahma com a mortal Sarasvati, a primeira mulher da humanidade. O Código de Manu estabelece as normas no hinduísmo e, como todo livro sagrado, sua origem não é da terra, mas do céu.

O Código teria sido escrito por volta de 1280 a.C. (Sir William Jones) ou 900 anos a.C. (Elphinstone) [https://www.globalsecurity.org/military/world/india/manu-smriti.htm].

A lei santa determina a separação de castas ou classes, que são quatro. Seus integrantes foram

os banheiros públicos, os esgotos e os dejetos de animais. Em muitos lugares não podem frequentar escolas nem têm direito ao sistema de saúde. Setenta por cento deles vivem abaixo da linha de pobreza. Na Índia, onde se concentra o maior número de hindus, havia 200 milhões de dalits (censo de 2011) [https://idsn.org/india-official-dalit-population-exceeds-200-million/].

O hinduísmo tem matéria sobre o amor, a bondade, a hospitalidade. Tem normas boas e justas. Mas também mostra um lado perverso. Esse outro rosto da religião hindu, insensível aos pobres, que legitima a injustiça com

CÓDIGO DE MANU E O SISTEMA DE CASTAS



gerados a partir de partes do corpo do Deus hindu: os brâmanes (sacerdotes e filósofos), da cabeça dele; em segundo lugar os xátrias (guerreiros e funcionários públicos), dos braços; terceiro, os vaixás (comerciantes), das pernas; e em quarto, os sudras (camponeses, artesãos e operários), dos pés de Deus. Abaixo destes estão os dalits ou intocáveis, e não pertencem a nenhuma classe. Foram criados da poeira dos pés de Brahma, metáfora maldosa a fim de justificar a posição inferior dos mais pobres em relação às outras castas.

Cabe aos dalits o trabalho mais abjeto da sociedade, como limpar

base em leis sacerdotais vendidas como sendo de Deus é que tem produzido essa grande leva de marginalizados. A Constituição Indiana (1950) aboliu a separação de castas. Mas no dia a dia a segregação ainda é real.

A globalização tem sido uma bênção para os dalits. A sociedade hindu viu muitas regras serem abandonadas, para desespero dos tradicionais e dos sacerdotes. A partir da década de 1980, muitos dalits têm conseguido entrar em faculdades e exercer importantes cargos nas indústrias e no governo. Contudo, a maioria esconde sua história por receio de discriminação.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: "Teofania" e "Crimes em nome de Deus". E-mail: fernandodilustrador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos

Com a palavra OS estudantes

Aulas práticas são fundamentais

Estudante: **Luca Giovanni Boldt**, 20 anos, acadêmico do curso de educação física do IELUSC.

Bolsista, trabalho em outra área para pagar 50% da mensalidade da faculdade, pois ganhou bolsa de 50% por conta de sua boa colocação no vestibular da ACAFE.

"Nossa faculdade parou com as aulas presenciais em março. Ficamos dois dias sem aula. Depois começamos a ter aulas remotas. O impacto inicial foi muito grande para a maioria dos acadêmicos. É mais difícil a concentração e manter o foco nas aulas. A internet oscila e alguns professores têm pouca experiência com a tecnologia".

"Porém, o que mais falta são as aulas práticas. A vivência é fundamental para a formação do profissional de educação física. Por outro lado, a maioria dos estudantes questionou a continuidade da cobrança integral da mensalidade pela instituição", acrescenta.

"Vejo isso como um equívoco dos diretores e coordenadores.



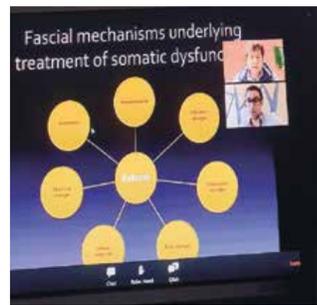
Afinal, muitos acadêmicos (seus "clientes"), com a crise, ficaram desempregados. Como conseguirão pagar a mesma mensalidade, sem ganhar nada?".

Com a palavra a professora universitária

Cristiane Clemente, fisioterapeuta e osteopata, a professora leciona a disciplina Recursos Terapêuticos Manuais, no curso de fisioterapia da ACE - Faculdade Guilherme Guimbalá.

"Quando a pandemia iniciou recebemos um comunicado da faculdade Guilherme Guimbalá que a partir do dia 16/3/20 estaríamos trabalhando somente com auxílio da plataforma digital. Nesses 24 anos de docência nunca passei por uma experiência dessas.

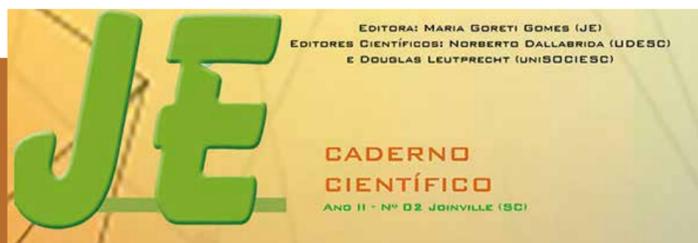
Tive uma certa resistência em dar aula de forma remota por não conhecer o método e nem a tecnologia. Através de curso de capacitação on line recebemos o treinamento para utilizar as plataformas Google Classroom e Google Meeting.



Quase dois meses depois, acho que já estou me adaptando e conseguindo dar as aulas dessa forma. Afinal, é importante, muitas vezes, tentar se reinventar".



Com o auxílio de técnicos, a professora grava vídeos demonstrando as técnicas.



Professor - pesquisador, o Jornal da Educação publica seu artigo científico, artigo de opinião, resenha e relato de experiência pedagógica sem custo algum. Acesse o portal do Jornal da Educação e envie seu texto para avaliação pela banca científica.

www.jornaldaeducacao.inf.br/artigos-cientificos

Auxílio aos professores de Física



Estudante: **André Luiz Sartori Gomes**, 21 anos, graduando de Licenciatura em Física, na UDESC Joinville. Cursa disciplinas dos 6º, 7º e 8º semestres.

André e Ana Paula são estudantes bolsistas da UDESC Joinville. Ele está concluindo a licenciatura em Física e ela é caloura de Matemática. Sem aulas desde 17 de março, os irmãos foram afetados pela indecisão da universidade que deve iniciar o ensino remoto somente a partir de 22 de junho.

Estudantes da UDESC

"A UDESC paralisou suas atividades no dia 17 de março, e desde então é um "diz que me disse" sobre ter ou não ensino a distância. Até o momento, apenas foi decidido que o semestre não será cancelado.

Entretanto, são marcadas novas reuniões e nessa enrolação, se foram mais de 2 meses sem respostas. É inegável que a UDESC é uma instituição de excelência. Contudo, essa demora na tomada de uma decisão está prejudicando a todos. Em uma situação normal, eu seria um formando do semestre 2020/2. Contudo, essa esperança se vai com a chegada da pandemia. Isso não é um problema para mim, visto que o Corona virus vai trazer sequelas para todos, é inevitável. O que me incomoda é a demora

na tomada de decisão, visto que estou parado, apenas revisando matérias.

Entendo que é uma decisão muito importante e difícil, visto que pesquisas mostraram que muitos alunos não têm acesso à internet de qualidade e computadores. E, caberia à universidade fornecer alguma alternativa para estes alunos. Além disso, ainda existe o grande problema do preparo dos professores, que terão de migrar para o meio digital. Alguns o farão sem grandes problemas, mas outros por sua vez, talvez nem consigam.

Não sabemos, é tudo uma incógnita para nós alunos. Até o presente momento, tudo é dúvida.

Além desses problemas nas matérias gerais, temos o problema dos estágios. Eu realizo

estágio em escola pública. Como fazer um estágio EaD? Todos podem dar sugestões, mas qual a mais adequada, visto que o estagiário não poderá ter a experiência de sala de aula real?

Apesar disso, tenho a sorte de ser bolsista do Programa de Extensão Com Ciência, da UDESC Joinville. No projeto, nós nos adaptamos às necessidades dos professores de física, e estamos auxiliando, buscando materiais como simulações, vídeos de divulgação científica, de experimentos e vídeo aulas, para facilitar o trabalho do professor, ao montar suas atividades online".

Para contato basta mandar uma mensagem via Instagram pelo @comcienciaudesc ou pelo e-mail: udesccomciencia@gmail.com

"Sou muito caloura, não tem como adiantar assuntos"

Ana Paula Sartore Gomes é caloura do curso de matemática, na UDESC Joinville. Para ela, que ainda estava em fase de adaptação ao mundo universitário, a disposição em estudar por conta própria, esbarra também no desconhecimento do conteúdo programático do curso.

Como nenhum professor disponibilizou oficialmente conteúdos nem mesmo para revisão, ela optou por rever os ensinados nas três primeiras semanas de aulas. Pode contar ainda com a iniciativa individuais de dois

professores, um disponibilizando conteúdos teóricos em seu blog. Nele os estudantes podem pedir explicações.

Outro professor, a partir de meados de abril, passou a oferecer aulas remotas por meio de um aplicativo da própria universidade. Para ela, "é uma maneira de treinar os estudantes para as futuras aulas remotas".

Em meados de maio, começou a fazer um curso de pré cálculo on line, ministrado por alunos das fases mais avançadas para os calouros.

"Eles pensaram nos calouros, esse curso está bem legal", comemora. Adiantar assuntos, não tem como, porque eu era muito caloura. Aproveitei a quarentena para estudar e colocar meus exercícios em dia, mas sem orientação do professor, fica bem difícil", afirmou.

"O meu tempo livre, estou estudando, revisando conteúdos e fazendo cursos on line de língua estrangeira e outros.

O restante do tempo ajudo a família na loja, cuido das plantas e faço outras coisas que gosto".



Coordenação: Professor Dr Leandro Villela de Azevedo

Em épocas de Corona tenho visto muita gente com o discurso tudo estaria "mais em paz" e também de que se houvesse uma grande epidemia isso conseguira trazer mais paz para o mundo ... concordo que ao ver uma pandemia pensar em paz é ser muito otimista e isso é louvável, mas não é o que vou discutir aqui, mas sim analisar a afirmação do ponto de vista histórico.

Em 1348 começou o primeiro surto de Peste Negra na Europa, e ao contrário do que muita gente pensa, ele durou apenas 3 anos. Como se espalhou por todo o continente podemos entendê-lo quase como uma pandemia (já que se espalhou por todo o mundo conhecido na época) ,, que tipo de impacto ele trouxe nas questões citadas?

Primeiro que uma grande, gigantesca guerra estava ocorrendo nessa época, a chamada Guerra dos 100 Anos. Mais especificamente estávamos no momento mais tenso dessa guerra, o rei

Era uma das piores se não a pior epidemia da história, mas a Guerra continuou. Sim, ficou mais difícil achar soldados, precisaram recrutar servos para lutarem, o que era muito incomum exceto nas cruzadas) e no final a guerra simplesmente continuou até a derrota dos franceses (ao menos derrota parcial até uma nova guerra eclodir dentro da Guerra dos 100 anos).

Além de não ter trazido paz, a morte dos servos na guerra (além da morte dos que se foram por causa da peste) trouxe fome nos anos seguintes, revoltas camponesas, um cenário que levou anos para se "normalizar". Ah, mas alguém pode supor que isso ocorre porque "os homens medievais gostavam muito de Guerra" então vamos para uma situação mais recente, 1ª Guerra Mundial. Estávamos em meio a maior guerra que já havia existido no mundo, iniciada em 1914, quando em janeiro de 1918, logo após iniciar-se a revolução russa em meio a guerra, começa uma grande epidemia de gripe assolando

Mas o Corona pode trazer a paz mundial?

Eduardo III da Inglaterra havia conseguido conquistar todo o norte da França aplicando enormes derrotas ao mesmo tempo Felipe IV da França estava retomando as forças do sul e centro da França para uma grande campanha a expulsar os ingleses.

Vamos colocar como um momento parecido com o Dia D na 2ª Guerra mundial (Hitler tinha chegado ao máximo de sua expansão e os Aliados pensando em um ataque conjunto para segurar seu avanço e mudar os rumos da Guerra) – foi nesse cenário que a Peste invadiu com toda força a França ... atingindo primeiro os homens do rei Francês, Felipe, chegando a matar vários de seus filhos e esposa, na época chamaram isso de Maldição dos Valois, como se fosse um sinal de que Deus estaria do lado dos ingleses. Mas poucos meses depois o mesmo ocorreu com o rei inglês Henrique III, que não somente teve filhos pegos pela peste, mas ao retorno destes e de vários soldados infectados para a Inglaterra espalharam a doença no país ...

a Europa e se espalhando com rapidez para o resto do mundo.

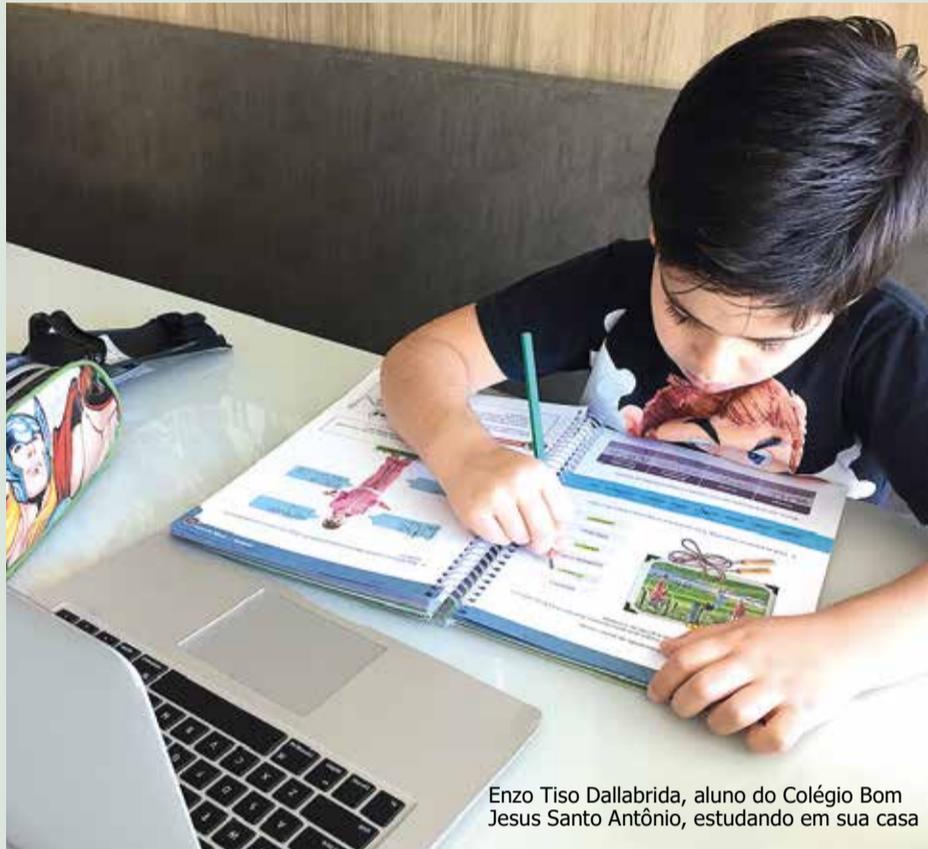
Ainda assim esse ano foi particularmente tenso, os Estados Unidos que havia entrado oficialmente na guerra na metade do ano anterior tinham conseguido levar as suas principais forças em terra e diversas das piores batalhas ocorreram neste período, duas grandes batalhas de Sommes, as três famosas batalhas de Soissons, a ofensiva dos 100 dias entre outros. Tendo juntas somadas por volta de 7 milhões de mortes (as 16 milhões totais da Guerra) sendo que a gripe em si superou de longe com 50 milhões de mortos

Ou seja Creiam, em uma época de paz a quarentena até pode ocorrer de forma pacífica, mas em época de guerra o ódio e a ganância falam mais alto, vamos pensar em outra forma de atingir a paz mundial.

E que impacto isso trouxe para a guerra? ... por ridículo que possa parecer, quase nenhum.

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.

PANDEMIA E ENSINO REMOTO



Enzo Tiso Dallabrida, aluno do Colégio Bom Jesus Santo Antônio, estudando em sua casa

A pandemia do novo Corona vírus desconstruiu, de forma inédita e abrupta, a nossa rotina cotidiana. No campo educacional, as atividades presenciais foram as primeiras a serem canceladas e provavelmente serão as últimas a serem retomadas devido à aglomeração massiva nas escolas. Essa interrupção prementória da presença dos alunos nas unidades escolares confinou-os aos seus lares e, de forma emergencial, foi implementado o ensino remoto – diferente do EAD, que é outra modalidade de ensino.

No início do isolamento social, eu recebi, pelo *whats*, uma imagem do meu sobrinho Enzo estudando ao lado de um computador e fiquei contente em saber que, mesmo não frequentando a escola, ele estava estudando. No entanto, apesar de ser uma possibilidade de aprendizagem, o ensino remoto apresenta limites sociológicos e pedagógicos sobre os quais devemos refletir para enfrentar a pandemia global. E sobretudo para pensar a escolarização no período pós-pandemia, que ainda não sabemos quando vai começar.

O argumento sociológico é claro: grosso modo, a escola *home office* é viável para os alunos oriundos das elites e parte da classe média que tem computador e internet em casa e espaço e clima adequados, mas impraticável ou muito difícil para os pobres que estudam em escolas públicas. Ronaldo Lemos, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro, constata: “Não há sequer banda larga de

qualidade na maioria das escolas públicas. Essa é uma luta que vem sendo travada há anos e que até agora não se concretizou”. E completa: “Se nem na escola pública há internet de qualidade, o que esperar da qualidade da conexão na casa das pessoas?”. Ele se referia, certamente, às pessoas socialmente vulneráveis – os pobres.

No campo pedagógico brasileiro, o argumento sociológico sempre se impõe porque a desigualdade social é gritante e vergonhosa – e, com a pandemia, ganhou visibilidade. No entanto, é imprescindível atentar para o aspecto didático-pedagógico, ou seja, para as perdas no processo de ensino-aprendizagem com o ensino remoto. Maria José Nóbrega, assessora pedagógica em São Paulo, acredita que os prejuízos serão maiores entre as crianças de 5 anos (educação infantil) e 6 anos (1º ano do ensino fundamental) porque estão sendo alfabetizadas. Ela assevera: “A alfabetização exige conhecimento científico. Nem todo o professor que fez pedagogia se sente capaz de ser alfabetizador, porque há uma especialização dentro da área”. E os pais/mães podem atrapalhar o processo de alfabetização ao querer impor a forma avoenga como foram alfabetizados.

Se no ensino superior a educação online ou híbrida é mais viável, na educação básica e particularmente nos anos iniciais do ensino fundamental, a situação é mais complexa, demandando um plano de recuperação de aulas presenciais que tenha ao mesmo tempo equidade e eficácia.

Norberto Dallabrida * Professor da UDESC e autor de “Ensino secundário público e de qualidade no antigo Instituto de Educação: Florianópolis, 1947-1963 (Editora da UDESC/Dois por Quatro Editora, 2017) - E-mail:norbertodallabrida@gmail.com

Em que lugar você está durante esta Pandemia?

Reflexão que corre gratuitamente em redes sociais e nos ajudam a crescer



institutorei
institutorei
(47) 3422.8906
irei.com.br

IREI Clínica

Estética Facial

ACNE, OLHEIRAS
CLAREAMENTO DE MANCHAS
PEELING DE DIAMANTE, QUÍMICO E ENZIMÁTICO
FOTOTERAPIA FACIAL
REJUVENECIMENTO, FLACIDEZ
ALOPECIA (QUEDA DE CABELO)
LIMPEZA DE PELE PROFUNDA
DRENAGEM LINFÁTICA FACIAL
MICROCORENTES, DEPILAÇÃO FACIAL
REVITALIZAÇÃO, HIDRATAÇÃO PROFUNDA

Estética Corporal

ESTRIAS E CELULITE
FLACIDEZ CORPORAL
GORDURA LOCALIZADA E FOLICULITE
DEPILAÇÃO E CLAREAMENTO DE PELOS
PRÉ E PÓS OPERATÓRIO
GOMAGEM + HIDRATAÇÃO CORPORAL
LASERTERAPIA E TRATAMENTOS COM APARELHOS

Massagens

SHIATSU, RELAXANTE E SUECA
DRENAGEM LINFÁTICA
TERAPÊUTICA DA COLUNA
PONTOS DE TENSÃO COM LASER
E DESATIVACÃO MANUAL

Podologia

ONICOMICOSE
UNHAS ENCRAVADAS
CALOSIDADES
VERRUGA PLANTAR
FISSURAS, RACHADURAS
CORREÇÃO DA CURVATURA DA UNHA
CUIDADO COM OS PÉS DIABÉTICOS

IREI INSTITUTO REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRADA